

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO APRENDIZAGEM, EXPERIÊNCIA E INTERAÇÃO EM DEWEY: VERSOS E CONTRAVERSOS NA EDUCAÇÃO

Elaine Nicolodi¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo resgatar algumas concepções de um importante teórico no campo da Educação: John Dewey. Primeiramente, pretende-se compreender que a aprendizagem escolar está relacionada à busca de uma maturidade. Em seguida, relata-se que a experiência deve ser um *continuum* para novas experiências. Por último, discute-se sobre a relação com o outro, uma vez que a aprendizagem se dá pela experiência, num constante diálogo.

Palavras-chave: aprendizagem; experiência; diálogo.

INTRODUÇÃO

Aprendemos quando compartilhamos experiências. (JOHN DEWEY)

Dewey foi e ainda é um importante nome no que se refere à Educação, seja por sua marcante influencia na educação norte-americana, uma vez que “[...] nos Estados Unidos [...] toda a estrutura educacional está profundamente influenciada pelo pensamento de Dewey” (DIGIORGI, 1992, 49). Seja no Brasil, no período do movimento da Escola Nova, sobretudo na década de 1930 (O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova), em especial nos estudos relacionados à Psicologia e à História da Educação, sendo suas ideias apresentadas por Lourenço Filho e Anísio Teixeira.

Na Revista *Escola*, de janeiro/fevereiro de 2003, foram apresentadas algumas ideias a seu respeito em artigo intitulado “Atual há 100 anos”. Mais recentemente, em dezembro de 2010, a Revista *Educação* dedicou uma edição completa na série História da Pedagogia com artigos de alguns especialistas sobre o pensamento deweyano.

No próprio editorial, a professora da USP Teresa Cristina Rego (2010, p. 5) conclui: “Espero que a leitura deste número instigue a curiosidade do leitor e o convide a fazer o estudo cuidadoso de uma obra **que ainda tem muito a nos dizer no século XXI**” (grifos nossos).

O professor doutor Lorieri (2010, 74-6) afirma, sobre Dewey, que

Seus ideias continuam presentes no discurso educacional brasileiro, como as relativas ao pensamento reflexivo, à educação para o pensar,

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Goiás.

à necessidade de relação entre as vivências dos alunos e os conteúdos estudados nas escolas e outras.

Dewey nasceu em 1859 nos Estados Unidos (EUA).

Na escola, teve uma educação desinteressante e desestimulante, o que foi compensado pela formação que recebeu em casa. [...] Escreveu sobre filosofia e educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política. Seu interesse por pedagogia nasceu da observação de que a escola de seu tempo continuava, em grande parte, orientada por valores tradicionais, e não havia incorporado as descobertas da psicologia, nem acompanhara os avanços políticos e sociais. Fiel à causa democrática, participou de vários movimentos sociais (DEWEY, 2003).

Suas ideias estão relacionadas às influências que obteve no período de sua formação.

Dewey certamente assimilou à sua personalidade a às suas concepções intelectuais as lições da vida comunitária democrática que conheceu na infância e na juventude, articulando ideias filosóficas e educacionais que refletem justamente a confiança no indivíduo e na capacidade humana para buscar e exercer a liberdade, sem a rigidez imposta por dogmas e hierarquias (CUNHA, 2010a, p. 9).

Em razão disso, esse breve estudo de suas concepções se faz necessário, para expressar seu pensamento em relação a dois importantes elementos para a educação: a aprendizagem e a experiência.

Em seus conceitos básicos, Dewey tratava da experiência educativa, que levava em consideração os princípios da continuidade e da interação. Entre tais conceitos, ter-se-ia: significado e sentido; interligação entre passado e futuro; e que não haveria experiência sem reflexão, ou seja, não há ação pela ação, para Dewey.

Refletir é olhar para trás sobre o que foi feito e extrair os significados positivos, que irão constituir o capital para se lidar inteligentemente com as posteriores experiências. É o coração da organização intelectual e de uma mente disciplinada (DEWEY, 1971, p. 92-3).

Dewey, na maioria das vezes o único, no Brasil, a ser lembrado, é um dos principais nomes do Pragmatismo, uma teoria orientada para a ação.

O pragmatismo, então, se apresenta como uma extensão do empirismo histórico, mas com essa diferença fundamental, que ele não insiste sobre fenômenos antecedentes, mas sobre fenômenos conseqüentes; não sobre os precedentes, mas sobre as possibilidades da ação (PRAGMATISMO, 2008).

Cunha (2010a, p. 11), quando escreve sobre a biografia intelectual de Dewey, menciona sobre seu “encontro com o Pragmatismo” e afirma:

Uma das principais formulações de sua filosofia é, justamente, a defesa de que o pensamento e a mente são instâncias dotadas de função instrumental, cuja relevância reside em estabelecer a continuidade entre o homem e o mundo. Esse modo de pensar é o que caracteriza o pragmatismo [...].

E continua sobre o pensamento pragmatista de Dewey:

[...] todas as nossas convicções acerca de formulações teóricas e metodológicas, todas as nossas certezas – acerca de nós mesmos como profissionais e de nossa relação com nossos alunos e com o conhecimento que desejamos ensinar – devem ser vistas como hipóteses; somente a prática pode revelar o quanto de verdade as nossas certezas contêm (CUNHA, 2010a, p. 12).

O Pragmatismo, com forte influência nos EUA, leva em consideração as condições sociais, culturais, políticas e intelectuais do indivíduo, uma vez que as experiências representam a realidade. Desse modo, está relacionado ao empírico, ao imediato.

O pragmatismo deweyano pensa a filosofia como um conhecimento capaz de produzir práticas e, sobretudo, educar o homem nessas práticas que se consolidam como ações inteligentes (Vieira, 1995). O exercício do pensamento inteligente se dá através da ação inteligente que produz uma ordenação lógica, não sendo, portanto, a razão constituída previamente; a razão para Dewey é ato, é experiência. A tarefa da educação, nesta perspectiva, é associar o ensino à experiência pessoal do aluno (TIBALLI, 2003).

Para Dewey, tanto a filosofia, como a pedagogia e a ciência tinham como base a experimentação das ciências naturais, uma vez que ele considera que “[...] o método científico é o único meio autêntico sob o nosso comando para obter a compreensão da real significação de todos os dias, no mundo em que vivemos (DEWEY, 1971, p. 93).

Dewey queria, na verdade, por meio da educação, a construção de uma sociedade melhor, de um ser humano melhor, que buscasse a verdade, uma sociedade democrática, uma democracia progressista. Desse modo, “Dewey elegeu a escola como lugar para desenvolver nos educandos a capacidade de pensar. [...] nos ensinou que o futuro é uma construção que começa hoje, na concretude de nossas ações” (PIMENTA, 2010, p. 73).

Sua concepção em relação à forma de pensar, como a escola deve levar o aluno a ter experiências reflexivas estão presentes em sua obra *Democracia e educação*, uma vez que:

Não há democracia sem educação reflexiva, e não há educação reflexiva sem democracia. Se tomarmos tal situação como problema, segundo a concepção deweyana, percebemos que Dewey nos apresenta uma proposta: criar nas escolas uma projeção do tipo de sociedade que almejamos, para que as pessoas ali formadas transformem a sociedade vigente (PIMENTA, 2010, p. 67).

No Brasil, as influências do modo de pensar americano e deweyano estão relacionados ao escolanovismo,

Dewey passou a interessar-se, pois, pelas mudanças de matéria e método na educação, que esses desenvolvimentos determinavam. E foi nesse espírito que a Escola Nova ingressa no Brasil também. Havia aqui uma burguesia industrial disposta a abraçar o seu ideário. [...]

No Brasil dos anos 30, pois, o escolanovismo se desenvolveu em meio a importantes mudanças. Acelerava-se o processo de urbanização, mas também a expansão da cultura cafeeira. [...] O capital passava a ditar as regras a uma sociedade que devia ser ativamente produtora e conseqüentemente consumidora. Não obstante fosse restrito o poder aquisitivo dos salários, abriam-se muitas frentes de trabalho, como também novas perspectivas educacionais. Educar a população, urbana e também rural, pareceu condição primeira para que se consolidasse a economia capitalista industrial e fosse garantido o desenvolvimento do País. O ensino seria exigência a todo trabalhador, que deveria adquirir um mínimo de instrução. Educação, assim concebida, ainda não era reputada um direito do cidadão. Era, sim, um instrumento em mãos das duas burguesias. Divulgada uma ideologia desenvolvimentista liberal, o Estado era colocado como o responsável pela educação de todo o povo (SANTOS; PRESTES; VALE, 2006, p. 134, 136).

Seus escritos foram publicados em diversos países, “Dewey publicou muitas obras e artigos nas áreas de psicologia, sociologia e pedagogia. Entre 1898 e 1940 publicou 38 obras, quase um livro por ano” (LORIERI, 2010, p. 74). Essas chegaram ao Brasil pelas mãos de um conhecido nome no campo da educação, Anísio Teixeira, que

[...] estudou no Teachers College da Universidade de Colúmbia no final da década de 1920 e, ao retornar, publicou *Aspectos Americanos de Educação*, livro que registra seu primeiro contato com as concepções educacionais renovadoras, e *Educação Progressiva*, trabalho fielmente inspirado na pedagogia deweyana (CUNHA, 2010b, p. 29).

Muitos foram os estudiosos que leram a obra de Dewey sem se aprofundarem em seus estudos, decorre daí um grande número de críticas às suas concepções de educação, de democracia, do Pragmatismo. Mas não é com referência a essas críticas que este estudo se relaciona. O que se pretende é, apenas, demonstrar alguns pensamentos do próprio autor, ou seja, a essência do seu pensamento.

A concepção de aprendizagem em Dewey

Dewey, em seus textos, vai apresentando as concepções em relação à aprendizagem. Dessa forma, o que se pretende neste momento é ir fazendo um breve diálogo com suas obras e demonstrar, com trechos transcritos, tais concepções, além disso, reforçar também a importância dada à experiência e, ainda, a importância que tem o 'outro' na aprendizagem. Nesse caso, esse outro seria o próprio professor, agente mediador do processo de aprendizagem e aquele que auxilia o aluno na busca de experiências significativas, apresentando, assim, o papel do professor.

De início, serão observadas passagens da obra *Experiência e educação*, de 1938. Primeiramente, serão apresentadas suas concepções em relação à aprendizagem. Para ele,

[...] Aprender significa adquirir o que já está incorporado aos livros e à mente dos mais velhos. [...] nas práticas da educação mais nova, [...] aprender por experiência [...], a fins e conhecimentos estáticos opõem-se a tomada de contato com o mundo em mudança (DEWEY, 1971, p. 6-7).

Em razão de sua forma de organização, a escola, lugar de aprender, é “uma instituição radicalmente diferente das outras instituições sociais”, [por isso], “educação como crescimento ou conquista da maturidade deve ser um processo contínuo e sempre presente” (DEWEY, 1971, p. 4, 44).

Dessa forma, pode-se compreender que a aprendizagem que se dá no ambiente escolar está relacionada à busca de uma maturidade, ou seja, aquele indivíduo que já traz suas experiências anteriores, encontrará neste ambiente um número de experiências contínuas que contribuirão para sua maturidade.

Na obra *Vida e educação*, demonstra-se que Dewey apresenta sobre a importância do programa escolar, argumentando que:

Os elementos fundamentais do processo educativo são, de um lado, um ser imaturo e não envolvido – a criança – e, de outro, certos fins, idéias e valores sociais representados pela experiência amadurecida do adulto. O processo educativo consiste na adequada interação desses elementos. A concepção das relações entre um e outro, tendente a tornar fácil, livre e completa essa interação, é a essência da teoria educativa (DEWEY, 1979, p. 42).

Dewey enxergava na aprendizagem escolar uma forma de o aluno desenvolver-se, de adquirir maturidade, considerando que “[...] A mais importante atitude a ser formada é do desejo de continuar a aprender” (DEWEY, 1979, p. 42). O ambiente escolar deve, também, propiciar uma aprendizagem significativa, relacionada às experiências anteriores do aluno, devendo, então, o aprendizado estar bem sistematizado, uma vez que

[...] ensinar bem é ensinar apelando para as capacidades que o aluno já possui, dando-lhe, do mesmo passo, tanto material novo quanto seja necessário para que ele reconstrua aquelas capacidades em nova direção, reconstrução que exige pensamento, isto é, esforço inteligente.

Em todos os casos, a significação educativa do esforço reside no seu poder de estimulação de maior soma de reflexão e pensamento, e não na maior tensão física que possa exigir (DEWEY, 1979, p. 93).

Para ele, esse ambiente escolar deve estimular tais capacidades no indivíduo, para que seja possível, com a maturidade alcançada, continuar aprendendo, desenvolvendo experiências que consideradas educativas. Por isso, “O problema de educadores, mestres, pais e do próprio Estado, em matéria de educação, é fornecer ambiente no qual as atividades educativas se possam desenvolver” (DEWEY, 1979, p. 113).

Muitos foram os pesquisadores que apresentaram em suas obras os estudos de Dewey, no livro *Escola nova*, Cristiano Digiori (1992, p. 24) menciona os cinco passos da aprendizagem para Dewey:

1º. Atividade: o ponto inicial de qualquer aprendizado na escola, assim como na vida, que a escola deve reproduzir o melhor possível, é uma atitude qualquer que já esteja sendo exercida; atividade esta que se dá espontaneamente e que corresponde ao interesse do educando.

2º. Problema: toda atividade, ao ser exercida, suscita problemas que dificultam sua continuidade e/ou desenvolvimento. É essa a origem do pensamento: este sempre provém de uma situação problemática. O ponto de partida do pensamento é a tentativa de empreendimento, de se superar uma situação problemática.

3º. Coleta de dados: o professor e os alunos devem coletar dados (dados de todo tipo) que possam ajudar a superar a situação problemática.

4º. Hipótese: estes dados, uma vez coletados, permitirão a formulação de uma ou mais hipóteses explicativas do problema.

5º. Experimentação: essa hipótese deve ser testada, a fim de se verificar a sua validade. Se ela for válida, poder-se-á resolver o problema, e a atividade prosseguirá até que se depare um novo problema.

Esses seriam os passos que Dewey considera importantes na aprendizagem, “[...] os cinco passos da aprendizagem segundo Dewey não são

um método pedagógico específico, mas uma forma de conceber a aprendizagem [...]” (DIGIORGI, 1992, p. 36).

Se tais passos fossem seguidos, a escola fugiria das concepções da escola tradicional, nas quais o aluno apenas vai para adquirir velhos conhecimentos, preparando-se para uma vida futura, quando ele ainda não teria maturidade para fazer uma relação entre passado e futuro. Desse modo, talvez, em muitos conteúdos, nem haja realmente tal relação, sejam apenas transmissões de conteúdos ‘fechados em si mesmos’, sem, sobretudo, relação com a realidade do aluno. Por isso, para ele,

[...] Quantos estudantes, por exemplo, se tornam insensíveis às idéias e quantos perdem o ímpeto por aprender, devido ao modo por que experimentam o ato de aprender? [...]

Quantos acabam por associar o processo de aprendizagem com algo de enfadonho e tedioso? [...] Quantos para sempre perderam o gosto pelos livros, associando-os a supremo enfado e ficando ‘condicionados’ para apenas lerem sumária e ocasionalmente? (DEWEY, 1971, p. 15).

Com todos esses questionamentos, Dewey deixa evidente o processo de aprendizagem, não apenas um produto pronto e acabado, sem inter-relação com a cotidianidade do aluno/aprendiz, daí a necessidade de uma escola nova e não mais aquela velha escola tradicional conteudista e livresca, na qual o aluno não interagia com o conhecimento, levando a experiências não-educativas. Assim, do ponto de vista metodológico, Dewey propõe

O sistema de projetos. [...] O objetivo é um ensino ativo, que interage todas as informações buscadas em um objetivo prático; ao mesmo tempo, o mais importante não são essas informações em si, mas o desenvolvimento da capacidade de buscá-las (em livros, perguntando, experimentando), ou seja, aprender a aprender (DIGIORGI, 1992, p. 37).

E nessa busca do aprender a aprender seriam necessárias experiências educativas no ambiente escolar, pois “[...] os jovens na escola tradicional têm e passam por experiências [...] habitualmente más e defeituosas, defeituosas sobretudo do ponto de vista de sua conexão com futuras experiências” (DEWEY, 1971, p. 16), daí a necessidade de uma escola renovada, pautada na experiência.

A concepção de experiência em Dewey

Uma das concepções mais evidentes observadas nas leituras de Dewey é a de experiência. Segundo ele, não há experiência sem reflexão, ou seja, não há ação pela ação, se considerarmos a experiência no campo educacional.

Dessa forma, percebe-se que a experiência exige do indivíduo, uma troca com o meio e que cada experiência deve ser um *continuum* para novas experiências. Para Dewey (1971, p. 26), “[...] o princípio da continuidade da experiência significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subseqüentes”.

Dewey considera que seriam dois os critérios da experiência: continuidade, já mencionado, e interação.

[...] O princípio atribui direitos iguais a ambos os fatores da experiência: condições objetivas e condições internas. Qualquer experiência normal é um jogo entre os dois grupos de condições. Tomadas em conjunto, ou em sua interação, constituem o que se chama uma *situação* (DEWEY, 1971, p. 34-5).

Para Dewey, experiência não é apenas experimentação prática com base nas ciências naturais, mas sim a experiência “somente é verdadeiramente experiência, quando as condições objetivas se acham subordinadas ao que ocorre dentro dos indivíduos que passam pela experiência” (DEWEY, 1971, p. 33).

Um outro ponto importante a ser considerado em relação à concepção de experiência dado por Dewey tem a ver com a noção de experiência imediata e mediata, ou seja, “[a] qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: imediato de ser agradável ou desagradável e o mediato de sua influência sobre experiências posteriores” (DEWEY, 1971, p. 16).

Além disso, não é qualquer tipo de experiência que pode ser considerada educativa,

[...] experiências, para serem educativas, devem levar a um mundo em expansão da ‘matéria em estudo’, concebida como sistema de fatos ou informações e idéias. Tal condição somente será satisfeita, quando o educador lança os seus olhos bem à frente e encara cada experiência presente como uma força em movimento, destinada a influir sobre o que serão as experiências futuras (DEWEY, 1971, p. 93).

Em sua obra *Democracia e educação*, de 1916, Dewey afirma que:

1) A experiência é, primariamente, uma ação ativo-passiva; não é, primariamente cognitiva. Mas 2) a *medida ou continuidade de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidades a que*

nos conduz. Ela inclui a cognição na proporção em que seja cumulativa ou conduza a alguma coisa ou tenha significação (DEWEY, 1979, p. 153).

Dewey (1979, p. 158) considera tão significativa a questão da experiência na aprendizagem que afirma: “Uma onça de experiência vale mais que uma tonelada de teorias simplesmente porque é só pela experiência que qualquer teoria tem importância vital e verificável”.

O ato de pensar é indispensável na experiência, não deveria apenas ser experiência e erro, mas experiência reflexiva. “Pensar equivale, assim, a patentear, a tornar explícito o elemento inteligível de nossa experiência. Tornar possível o proceder-se tendo um fim em vista” (DEWEY, 1959, p. 159).

Com isso, dá-se a entender que os resultados da experiência devem estar relacionados não apenas com as sensações causadas pela experiência, mas com as consequências que tais experiências presentes irão proporcionar em experiências futuras.

A relação com o outro

Para Dewey, a aprendizagem se dá pela experiência, num constante diálogo, além disso, é fator importante, para ele, o educador, que é um orientador na criação de experiências educativas que levem à aprendizagem significativa, sendo assim,

A preocupação imediata e direta do educador é, então, com a situação em que a interação se processa. [...] lhe cabe o dever de determinar o ambiente que, entrando em interação com as necessidades e capacidades daqueles a que vai ensinar, irá criar a experiência educativa válida (DEWEY, 1971, p 38-9).

Com isso, vai se construindo o papel da educação e do professor na aprendizagem dos indivíduos, pois

[...] O princípio de que o desenvolvimento da experiência se faz por interação do indivíduo com pessoas e coisas significa que a educação é, essencialmente, um processo social. [...] como membro mais amadurecido do grupo cabe-lhe [ao professor] a responsabilidade especial de conduzir as interações e intercomunicações que constituem a própria vida do grupo, como comunidade (DEWEY, 1971, p. 54-5).

É notória a presença ativa do professor no processo de aprendizagem, contrário ao que alguns já disserem, que os alunos sem orientação estariam

em contato com experiências quaisquer e daí decorreria o aprendizado. Nem tampouco seria o professor o impositor de experiências predeterminadas que não teriam relação alguma com as vivências dos educandos. Dessa maneira,

[...] A sugestão do professor não é um molde para fundir um produto, mas ponto de partida para ser continuado e se transformar em plano pela contribuição que lhes trarão todos que se acham empenhados no processo de aprendizagem [...] O essencial é que o propósito cresça e tome forma por meio do processo de comunicação e inteligência social. [...] Cabe, assim, ao educador, no exercício de sua função, selecionar as coisas que, dentro da órbita da experiência existente, tenham possibilidade de suscitar novos problemas, os quais, estimulando novos modos de observação e julgamento, ampliarão a área para experiências posteriores (DEWEY, 1971, p. 71-2; 76).

Na verdade, Dewey considera o professor um líder, visto que ele é um exemplo que os educandos costumam seguir. “Na realidade, o professor é o líder intelectual de um grupo social: líder, não é em virtude de um cargo oficial, mas de seu mais largo e mais profundo acervo de conhecimentos, de sua experiência amadurecida” (DEWEY, 1979, p. 269-70).

Em suas considerações sobre que é o professor, Dewey esclarece a respeito de seu papel, de sua importância social, no modo como a própria criança o enxerga. Então, na tríade proposta neste estudo – aprendizagem, experiência e o outro –, seria o professor esse outro já amadurecido em suas experiências, capaz de suscitar a aprendizagem das crianças. Por isso, pode-se considerar que: “[...] Tudo que o mestre faz, bem como o modo por que o faz, incita a criança a reagir de uma ou de outra forma e cada uma de suas reações tende a determinar uma atitude em certo sentido” (DEWEY, 1959, p. 65).

Ainda considerando o indivíduo aquele que adquire suas experiência na troca com o meio, Dewey (1979, p. 301) afirma que:

A experiência consiste primariamente em *relações ativas* entre um ser humano e seu ambiente natural e social. [...] A educação praticada intencionalmente (ou escolar) deveria apresentar um ambiente em que essa interação proporcionasse a aquisição daquelas significações que são tão importantes, que se tornam por sua vez em instrumentos para a ulterior aquisição de conhecimentos.

Ao se considerar o professor como aquele que faz a criança ter certas reações, considerando sua aprendizagem,

[...] cabe ao educador o dever de instituir tipo de planejamento mais inteligente [que] [...] deve ser suficientemente flexível para permitir o livre exercício da experiência individual e, ainda assim, suficientemente

firme para dar direção ao contínuo desenvolvimento da capacidade dos alunos.

[...] A função dos educadores é organizar as condições de expressão dos interesses práticos, de tal modo que se desperte o desenvolvimento daquelas fases intelectuais da atividade, e, por esse meio, a transição gradual para o tipo de atividade teórica (DEWEY, 1971, p. 54; 107).

Dewey acredita na escola democrática, tinha, na verdade, uma fé na educação, sobre isso, escreveu um artigo intitulado “Meu Credo Pedagógico (1897), no qual apresenta suas principais concepções: o que é a educação, o que é a escola, as matérias escolares, o método e a relação entre a escola e o progresso social, mas, para este estudo, especificamente, o que chama a atenção é um trecho final no qual Dewey expõe sobre o papel do professor:

[...] como aquele que não somente forma indivíduos, como também aquele que molda a própria sociedade. [...] ele é um servidor público reservado à manutenção de uma adequada ordem social e à garantia do correto crescimento social’ [...] (HENNING, 2010, p. 61-2).

Além da importância do professor como o outro que auxilia no processo de aprendizagem, há de se considerar também que, além dele, a criança está em constante contato com outras experiências que não sejam escolares, mas que também podem contribuir para o seu aprender. Desse modo,

[...] O contato das crianças com outras pessoas participa, além disso, de um caráter especial de continuidade. Praticamente não há, aliás, atividade infantil que seja isolada. As suas atividades acham-se tão ligadas com as dos outros, e o que os outros fazem as atinge tão profundamente e por tantos lados [...]. É participando das ações dos outros, direta ou imaginariamente, que a criança alcança experiências mais significativas e mais compensadoras (DEWEY, 1979, p. 107-8).

Com todas essas exposições, pode-se observar que, para Dewey, há a necessidade de uma ampla e competente atividade de planejamento do professor, que auxiliará seus alunos na realização de experiências educativas, diferente do professor da escola tradicional, fazendo um rápido contraponto, que impunha suas próprias experiências. Portanto,

[...] Na escola bem organizada, o controle do indivíduo repousa predominantemente nas atividades em curso e nas situações criadas para que elas transcorram normal e frutuosamente. O professor reduz ao mínimo as ocasiões em que tenha de exercer autoridade pessoal. [...] Temos, portanto, que concluir que nas chamadas escolas novas, a fonte primária de controle social está na própria natureza do trabalho organizado como um cometimento social, em que todos se sentem responsáveis. [...] O educador é responsável pelo conhecimento satisfatório dos indivíduos e das matérias, conhecimento que irá

habitua-lo a escolher as atividades suscetíveis de produzir a organização social, em que todos os indivíduos tenham a oportunidade de algo contribuir e em que o principal elemento de controle social esteja nas próprias atividades por todos partilhada (DEWEY, 1971, p. 49, 51).

Dessa forma, acontecerá a aprendizagem significativa, independente da faixa etária dos alunos, cada vez mais se faz necessário desenvolver atividades escolares que levem os alunos ao desenvolvimento do pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor é elemento essencial da situação em que o aluno aprende, e sua função é, precisamente, a de orientar, guiar e estimular a atividade através dos caminhos conquistados pelo saber e experiência do adulto (DEWEY, 1979, p. 38-9).

Pensar Dewey pode estar diretamente relacionado ao modo de pensar norte-americano, em razão de sua forte influência como forma de se pensar novas práticas escolares, na prática voltada para a ação, numa verdadeira conexão entre educação e experiência – *continuum* e interação. Educação esta humanista, centrada no aprender a aprender, em que a atenção esteja voltada para a criança/o aluno e o professor é o orientador da aprendizagem, sendo esta construída sobre uma sólida base de experiências educativas.

Em razão de tudo isso, é que se pensou ser possível manter um diálogo entre aprendizagem – experiência – relação com o outro (professor), dando ‘voz’ ao próprio Dewey, na busca de um melhor conhecimento de suas concepções. Uma vez que, para ele, é preciso considerar que aquilo que o professor está ensinando em sala de aula constitua uma experiência, tanto para o aluno quanto para ele mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Marcus Vinícius da. Educador e filósofo da democracia. *Educação*, História da Pedagogia, fascículo 6, p. 6-17, dez. 2010a.

CUNHA, Marcus Vinícius da. Uma filosofia da experiência. *Educação*, História da Pedagogia, fascículo 6, p. 20-31, dez. 2010b.

DEWEY, John. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. São Paulo: Nacional, 1959.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1971.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John Dewey. Atual há 100 anos. *Escola*, jan. fev. 2003, p. 24.

DIGIORGI, Cristiano. *Escola nova*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios)

HENNING, Leoni Maria Padilha. Fé na educação. *Educação, História da Pedagogia*, fascículo 6, p. 54-63, dez. 2010.

LORIERI, Marcos Antônio. Pensamento, educação e experiência. *Educação, História da Pedagogia*, fascículo 6, p. 74-81, dez. 2010.

PIMENTA, Rita. Investigação, educação e democracia. *Educação, História da Pedagogia*, fascículo 6, p. 64- 73, dez. 2010.

PRAGMATISMO. O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Cognitio- Estudos*, São Paulo, v. 5, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo>>. Acesso em: 2010.

REGO, Tereza Cristina. Na contramão da tradição. *Educação, História da Pedagogia*, fascículo 6, p. 5, dez. 2010.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930 - 1961: escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.22, p.131 – 149, jun. 2006.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. Pragmatismo, experiência e educação em John Dewey. *Anais... 26ª Reunião da ANPEd*, Poços de Caldas, 2003. Disponível em: < <http://www.anped.org.br>>. Acesso em: dez. 2010.

Recebido em 21 de junho de 2013.

Aprovado em 04 de julho de 2013.